

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2013



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

**FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO
PRODUÇÃO DIDÁTICO – PEDAGÓGICA
TURMA PDE - 2013**

TÍTULO: Leitura de Diferentes Gêneros Textuais	
Autor:	Maria Ana Pedroso
Disciplina/Área	Língua Portuguesa
Escola de Implementação do Projeto	Colégios Estaduais do município de Iretama – Ensino Fundamental e Médio
Município da Escola	Iretama
Núcleo Regional de Educação	Campo Mourão
Professor Orientador	Wilson Rodrigues Moura
Instituição de Ensino Superior	UNESPAR/FECILCAM
Relação Interdisciplinar	Interdisciplinaridade entre as matérias afins.
Resumo (descrever a justificativa, objetivos e metodologia utilizada. A informação deverá conter no máximo 1300 caracteres, ou 200 palavras, fonte Arial ou Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento	O presente caderno pedagógico, com o título Leitura de Diferentes Gêneros Textuais , desenvolver-se-á pela pesquisa qualitativa norteado pela contextualização social na perspectiva da pedagogia histórico-crítica. Tem por objetivo atender aos ditames do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE - do Estado do Paraná, no qual estou inscrita como professora participante do grupo 2012/2013 e visa proporcionar aos professores da rede Pública Estadual, em caráter multidisciplinar, ações de leitura. Leitura em sentido amplo, como “leitura de mundo” com intuito de compreender a própria realidade, os diversos gêneros (escritos e falados) que circulam nas escolas, fora delas e o

<p>simples)</p>	<p>conhecimento disseminado pelas diversas esferas sociais. As ações aqui elencadas serão desenvolvidas com a integração dos professores, equipe pedagógica e Direção dos Colégios Estaduais do município de Iretama, Ensino Fundamental e Médio, objetivando despertar o sentido crítico da população iretamense. Visto que, almejando que a escola assuma a responsabilidade de oferecer condições aos nossos alunos, pertencentes a um município com baixo IDH, a conhecer os saberes através da leitura de mundo, proporcionando uma visão ampla com os conhecimentos da atualidade, para assim minimizar os efeitos da miséria humana e linguística.</p>
<p>Palavras-chave (3 a 5 palavras)</p>	<p>GÊNEROS TEXTUAIS . FORMAÇÃO CRÍTICA . LEITURA DE MUNDO.</p>
<p>Formato do Material Didático</p>	<p>Caderno Pedagógico</p>
<p>Público Alvo</p>	<p>Professores de Língua Portuguesa da rede Estadual de Ensino e Rede municipal.</p>

APRESENTAÇÃO

UNIDADE I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

UNIDADE II – ATIVIDADES PRÁTICAS E/OU ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS COM GÊNEROS TEXTUAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

O Projeto de Intervenção Pedagógica, a elaboração de produções didático-pedagógicas, apresentados à Coordenação do Programa de Desenvolvimento Educacional PDE, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, em convênio com a Faculdade Estadual de Campo Mourão, sob a orientação do Professor Mestre Wilson Rodrigues de Moura., contemplam o desenvolvimento de estratégias pedagógicas, a fim de atender as dificuldades diagnosticadas pelo professor em seu espaço específico de trabalho e estimular o trabalho intelectual dos alunos e docentes, tendo em vista a criticidade, a apreensão, construção e ressignificação do conhecimento.

O Caderno Pedagógico é uma atividade elaborada pelos professores PDE, constitui-se em um material didático de intervenção/implementação pedagógica que pretende colaborar com os professores, por meio de estudos teóricos e possíveis construções e ações práticas. Portanto, tem por objetivo atender aos ditames do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE - do Estado do Paraná, no qual estou inscrita como professora participante do grupo 2012/2013 ,o mesmo visa proporcionar aos professores da rede Pública Estadual, em caráter multidisciplinar, ações de leitura. Leitura em sentido amplo, como “leitura de mundo” com intuito de compreender a própria realidade, os diversos gêneros (escritos e falados) que circulam nas escolas, fora delas e o conhecimento disseminado pelas diversas esferas sociais.

A Unidade I apresenta pressupostos teóricos sob diferentes gêneros textuais. Na Unidade II constam as atividades práticas e/ou encaminhamentos metodológicos com os seguintes textos: fábula, piada , crônica e contos, na dimensão social . Os roteiros de análise dos textos narrativos, aqui apresentados, para serem trabalhados com os professores, foram elaborados conforme as orientações constantes em (GANCHO, 2006).

O trabalho de implementação será desenvolvido durante o ano de 2014 na sede, ou seja, no Colégio Estadual José Sarmiento Filho. O desenvolvimento dar-se-á através de formação Continuada aos Professores da rede estadual de ensino, (curso de extensão), que estão lotados no município de Iretama, proporcionando reflexões e nova postura no trabalho educativo, realizado nos Colégios Estaduais pertinentes ao município. As estratégias utilizadas com os gêneros textuais selecionados serão Leituras, produção e dramatização através de textos, conversações e pesquisas na (internet). Essas atividades de Intervenção Pedagógica acontecerão em dois momentos, sendo que no primeiro, elas estarão voltadas para os professores das três escolas estaduais do município, e estes desenvolverão outras ações com os seus alunos.

No segundo momento, espera-se que por meio dos estudantes essas ações produzam efeitos na comunidade externa, disseminando a prática de leitura nas comunidades, acreditando que todos os envolvidos no projeto compreendam os saberes produzidos pelas diversas esferas sociais. Quanto à avaliação, realizar-se-á através do interesse pelo conteúdo trabalhado, participação e na aferição no empenho nas atividades propostas.

O resultado desta proposta de Intervenção Pedagógica será exposto em artigo, conforme consta no cronograma do projeto.

UNIDADE I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

Em nosso dia a dia, e em todo momento, interagimos com outras pessoas, por meio da linguagem oral ou escrita, produzimos certos tipos de textos. Esses tipos de textos constituem os chamados “gêneros textuais”.

Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são eventos enunciativos que atendem as necessidades sociais, e apresentam um conjunto de características relativamente estáveis. Essas características configuram diferentes gêneros textuais. Ao trabalhar com o tema Gêneros Textuais, o professor propiciará ao aluno estudar textos do cotidiano de maneira simples, ao qual ele já está acostumado. A partir desse texto, fazer análise crítica do conteúdo e seu valor ideológico, escolhendo conteúdos específicos, seja para a prática de leitura ou de produção (oral e/ou escrita), explorando os três elementos bakhtinianos que constituem um gênero (tema, estilo e construção composicional).

O trabalho com Gêneros textuais aqui sugeridos no caderno pedagógico é uma oportunidade de trabalhar com a língua em seus vários usos no dia a dia, buscando a interpretação dos mesmos. Nesta perspectiva crítica, o texto torna-se imprescindível, pois segundo Geraldi (1997), o texto não é um produto pronto e inacabado. Portanto devemos direcionar o aluno a saber interpretar e tirar suas próprias conclusões.

Segundo as autoras Vieira e Brandão (2007), inicialmente, o ensino da interpretação de texto na escola era de natureza estética e moralizante que abrangia assuntos relacionados ao amor, à família, à pátria e deveres do cidadão. Mais tarde

predominou a leitura com finalidade informativa. O texto Jornalístico passou a ser referencial em concurso e exames de vestibulares. A interpretação dos textos baseavam-se no que os autores propunham.

Com os avanços nas pesquisas linguísticas renovou se as metodologias de ensino, houve a consciência de que a formação do educando deverá ser direcionado a um leitor crítico. Para Paulo Freire, educar é promover a capacidade de ler a realidade e de agir para transformá-la, impregnando de sentido a vida cotidiana.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOBRE LEITURA

O ensino de leitura acontece a partir de diversas perspectivas, como: a decodificadora, a cognitivista, a sociointeracionista e a discursiva. A leitura não é um simples ato de decodificação, mas algo em que envolve a compreensão e a reflexão.

Quando o leitor é limitado a uma simples função de decodificador da escrita, o texto reduz a um agrupamento de palavras e frases. Se ele não consegue entender o sentido da produção escrita, é porque não tem domínio do sistema lingüístico, a leitura se apresenta apenas como decodificação.

Na visão cognitivista o leitor possui capacidades de desenvolver estratégias durante o processo de leitura e quanto mais ele estiver familiarizado com o texto mais será capaz de compreendê-lo. Este tipo de ensino limita a leitura aos aspectos formais do texto não considerando sua essência sócio-histórica.

Para (Bakhtin apud Sousa & Pereira, 2007) “a palavra é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém”, a leitura, nesta perspectiva apresenta a linguagem como interação entre sujeitos determinados socialmente cujo sentido das palavras depende do contexto social em que se inserem.

Este pensamento integra uma perspectiva sociointerativa da língua e no ponto de vista do aprendizado de leitura não serão desconsiderados os processos mentais que envolvem o encontro com o texto, mas defende que deve-se ir além

dele. O método interativo da leitura escrita acredita na relação entre interlocutores mediada pelo texto, este impondo limites norteadores de sentido.

Na visão discursiva a leitura será entendida como uma forma de construção de sentido e atentar-se-á para a leitura como prática histórica, social e cultural.

ROTEIRO DE ANÁLISE DE UM TEXTO NARRATIVO

Com base nas orientações (GANCHO, 2006), apresentamos aqui um roteiro de análise que servirá de base para analisarmos os textos narrativos que estão selecionados neste Caderno, fugindo, dessa forma, do esquematismo do livro didático.

Elementos da narrativa

Autor (sujeito empírico) Investigar quem é o sujeito empírico: posição social; que ideologia defende; de onde e para quem escreve (público).

- Sujeito/autor/eu – indivíduo particular (não se divide em outros “eus”, pessoa física, sujeito empírico (controla desejos, tensões, conflitos, tem vontades, manipula, tem história e interfere nela, é cultural e não natural, é um sujeito que interage no mundo real).

Narrador - (sujeito de papel, entidade de ficção)

- sujeito/eu - de papel - é denominado de: Narrador, enunciador, locutor, argumentador – projeta-se no papel para enunciar, apesar de aparecer o “eu” nos textos, não é sujeito real. Esse “eu” divide-se em outros “eus” de papel. São as vozes que aparecem no interior dos textos (personagens, narradores, tipos, figuras e outros). Afinal, esse(s) “eu(s)” elabora(m) a topografia, ou seja, a arquitetura do texto, criando, selecionando ou dispensando temas, tipos, ideias e colocando outros para falar. Afinal é o organizador da polifonia do texto. O sujeito-eu (de papel) faz o mundo do discurso voltar-se para o mundo real e faz o sujeito real voltar-se para o mundo de papel. Recria-se um novo.

- . Foco narrativo

- . Ponto de vista

Terceira pessoa – narrador observador características:

- . Onisciência

. Onipresença

Variantes de narrador em terceira pessoa:

. Narrador “intruso”

. Narrador “parcial”

Primeira pessoa ou narrador personagem: é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto, tem seu campo limitado de visão, isto é, não é onisciente, nem onipresente. No entanto dependendo da personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem.

Narrador testemunha: geralmente é a personagem principal, mas narra acontecimentos dos quais participou, ainda que sem grande destaque.

Narrador protagonista: é o narrador que é também a personagem central.

Enredo – fábula – intriga – ação – trama– história (conjunto de fatos de uma história) **natureza ficcional.**

Questões fundamentais: estrutura (as partes que compõe o texto.)

Natureza ficcional – o termo verossimilhança foi utilizado por Aristóteles quando estudava grandes obras teatrais de seu tempo, as tragédias. Para o filósofo, o que permitia a empatia do público com a peça era uma ilusão de verdade que fazia parte da estrutura narrativa da peça teatral, mais que a verdade dos fatos narrados. Assim, chamou como lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; verossimilhança é, pois, a essência do texto de ficção.

Personagens

. quanto à caracterização:

- planas: tipos/caricatura (Quem são?);

- redondas: características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas, morais.

. quanto à participação no enredo:

- protagonista: herói ou anti-herói; antagonista; personagens secundárias.

e) Tempo:

- época

- duração
- cronológico
- psicológico

f) Espaço – ambiente (características)

- época
- localização geográfica
- clima psicológico
- situação econômica-política

h) Partes do enredo:

. Conflito, exposição, complicação, clímax, desfecho

i) Discurso predominante: discurso direto, indireto e indireto livre

j) Tema – Assunto - intencionalidade

A TESSITURA NARRATIVA

A narrativa deve tentar elucidar os acontecimentos, respondendo as seguintes perguntas essenciais:

- **O QUÊ?** – o(s) fato(s) que determina(m) a história;
- **QUEM?** – a personagem ou personagens;
- **COMO?** – o enredo, o modo como se tecem os fatos;
- **ONDE?** – o lugar ou lugares da ocorrência;
- **QUANDO?** – o momento ou momentos em que se passam os fatos;

**QUANTO À ESTRUTURA NARRATIVA CONVENCIONAL
SEQUÊNCIA DE AÇÕES QUE COMPÕEM O ENREDO:**

- Exposição
- Composição
- Clímax
- Desfecho

O GÊNERO CONTO – SEQUÊNCIA NARRATIVA

Segundo Jean Michel Adam (2011, p. 132), todo texto narrativo está estruturado sob um esquema com cinco momentos:

1- Situação inicial: caracteriza o tempo, o lugar, as diferentes condições para o andamento da ação e introduz as personagens da narrativa.

2- Complicação ou perturbação: apresenta a descrição da experiência inesperada, a qual traz uma modificação da situação inicial. Essa força gera o momento seguinte. A presença do conflito é fundamental, pois é ele que vai distribuir o texto em partes.

3- Ação, Re (ação) ou Dinâmica de ações: destaca o resultado ou a consequência dessa modificação. Ora pende para a melhoria, ora para a degradação.

4- Resolução: indica a ocorrência de um fato que vai determinar o fim da narrativa. Introduz uma segunda força que vai desenvolver à narrativa a situação de equilíbrio, confirmando a melhoria ou a degradação. Encaminha para que o conflito se desfaça.

5- Situação final: caracteriza o estado das personagens após a transformação do decorrer da história. Restaura o equilíbrio perdido à narrativa, sem ser, obrigatoriamente, igual a si.

UNIDADE II

ATIVIDADES PRÁTICAS E/OU ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS COM GÊNEROS TEXTUAIS

As DCEs (PARANÁ, 2008) propõem que a língua seja trabalhada em sala de aula, a partir da linguagem em uso, considerando os gêneros discursivos. Nesta perspectiva, apresentamos aqui, gêneros textuais selecionados: fábula, piada, crônica e contos para serem trabalhados na dimensão social. Estes Gêneros deverão possibilitar aos alunos as condições de elaboração, produção, circulação e recepção, e o entendimento do texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo.

O GÊNERO TEXTUAL: FÁBULA

A fábula nasceu no Oriente e foi reinventada no ocidente pelo escravo grego Esopo, que criava histórias baseadas em animais para mostrar como agir com sabedoria. Suas fábulas, mais tarde, foram reescritas em versos, com um acentuado tom satírico, pelo escravo romano Fedro. Contudo, o grande responsável pela divulgação e reconhecimento da fábula no ocidente moderno, foi o francês Jean de La Fontaine, um poeta que conhecia muito bem a arte e as manifestações da cultura popular.

La Fontaine criava suas histórias com objetivo de tornar os animais o principal agente da educação dos homens. Para isso, os animais são colocados numa situação humana exemplar, tornando-se uma espécie de símbolo.

Por exemplo: a formiga representa o trabalho; o leão simboliza a força; a raposa, a astúcia; o lobo, o poder despótico, e assim por diante. (MACHADO, 1994, p. 57)

A fábula é uma narrativa curta que trata de certas atitudes humanas, como a disputa entre fortes e fracos, a esperteza e a lerdeza, a ganância e a bondade, a gratidão e a avareza, o bondoso e o ruim.

Muitas vezes, no final das fábulas, aparece uma frase destacada chamada de moral da história, com provérbio ou não, às vezes essa moral está implícita nas últimas linhas do texto. Também ocorre nesse gênero textual: a presença de animais nas histórias com características humanas, o título aparece destacado com o nome de animais, é comum aparecer diálogo entre os animais, o tempo aparece de forma indeterminada (certa vez), que garante a esse gênero sua atualidade. A fábula é um gênero que se divide em duas partes: a narração como texto figurativo, em que os personagens são animais, e a moral, que é um texto temático e reitera o significado da narração, indicando a leitura que se deve fazer.

As fábulas nascem na tradição, na boca do povo, cabe aos fabulistas cristalizá-las em sua língua, contrastando as narrativas à sua maneira, como fez Fedro e, posteriormente, La Fontaine. Embora estes fabulistas tivessem criado fábulas inéditas, apoiavam-se em muito no modelo de Esopo.

Fábulas Ilustradas - consulte o site abaixo:

<http://sitededicas.uol.com.br/fabula30a.htm>

FRAGMENTO DA FÁBULA - O BURRO QUE ESPIRRAVA DINHEIRO (LUDWIG BECHSTEIN)

Era uma vez um alfaiate que tinha três filhos. Grande, Gordo e Tonto. Grande era carpinteiro. O outros dois ainda não tinham decidido o que fazer. Mas o que os três tinham em comum era a vontade de correr mundo, enfrentar aventuras e ficar ricos. Grande, sendo o mais velho, achou que devia ir em primeiro lugar. Ao despedir-se, Grande disse:

- Adeus, pai, vou pelo mundo pra ver se o mundo tem fundo. Posso passar privação, mas não volto sem tostão.

O pai respondeu:

- Vai, meu filho, mas cuidado, o que te digo é provado: o mundo é grande, enganoso e pode ser perigoso. Andou muito pelo mundo e logo se convenceu de que o mundo tinha fundo, isto é, que era redondo. Mas também ficou sabendo das incertezas da vida e de como era ruim ficar sem casa e comida.

Então, o pobre rapaz embrenhou-se pelo bosque pra ao menos ficar em paz. Ali achou um velhinho de chapéu e bengalinha que lhe disse: - Como estás?

- Bem mal - respondeu o rapaz.

O velhinho o convidou a almoçar então e os dois partiram sem se deter.

O que é que houve depois?

Isso é o que vamos saber.

Quando entraram em casa, o velho apresentou Grande, explicando para a mulher:

- Convidei este moço para almoçar conosco.

Grande era muito comilão e achou bom dizer:

- A senhora está vendo como eu sou magro? É de não comer, pelo menos de não comer tanto quanto eu gostaria.

- Pobrezinho! - respondeu a mulher penalizada. - Vou já preparar um bom almoço para você.

Enquanto a mulher cozinhava, Grande pensava que correr mundo até que nem sempre era mau. Principalmente quando se encontrava onde comer de graça, como agora. Se desse jeito, até ficava morando ali.

A fome de Grande era permanente, não só hoje, mas sempre. Em qualquer ocasião podia comer por vinte. Por isso, quando terminou o almoço, comentou:

- A entrada estava boa e serviu para abrir meu apetite. Agora estou pronto para almoçar com gosto. O velho, espantado, indagou:

- Meu amigo, você come sempre assim?

Grande sorriu e desculpou-se:

- Não, senhor, hoje estou comendo pouco, porque sou educado, sei que na casa dos outros não fica bem exagerar. Em minha casa eu como o dobro.

O velhinho tinha pensado em convidar Grande para ficar morando ali, mas diante do apetite do rapaz, mudou de ideia. Abriu um armário, tirou uma mesa e disse para Grande:

- Este é um presente de despedida para você.

- Que pena! - lamentou Grande. - Come-se tão bem em sua casa!

- Ora, a mesa é o presente ideal para o seu apetite! afirmou o velho.

- Agradeço, mas acontece que sou carpinteiro e posso fazer uma mesinha como esta a cada dia.

- Como esta? - riu o velho. - Mas esta é uma mesa encantada!

(Fábula Encantada de Ludwig Bechstein)

http://www.contandohistoria.com/o_burro_que_espirrava_dinheiro.htm

NOTA AO PROFESSOR

Esta aula acontecerá na sala de informática, pois o texto é longo e assim, oportunizará aos alunos contato com os computadores, que farão uma breve leitura silenciosa(visual). Voltando para a sala de aula, deve-se trabalhar a oralidade e a escrita , partindo-se de algumas hipóteses/

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS COM O GÊNERO TEXTUAL FÁBULA: PERCURSO NARRATIVO – SEQUÊNCIA NARRATIVA .

- 1- Situação inicial –
- 2- Complicação ou perturbação –
- 3- ação, re(ação) ou Dinâmica de ações –
- 4- Re(solução) –
- 5- Situação final –

PRINCIPAIS FABULISTAS

ESOPO

As fábulas muito antigas do Oriente foram difundidas na Grécia há 2600 anos, por um escravo chamado Esopo. Apesar de gago, corcunda, feio e miúdo, como diziam alguns, era inteligente, esperto e de muito bom senso. Por esse motivo, conquistou e viajou por muitas terras dando conselho através das fábulas.

Há ainda a hipótese de ter recebido falsas acusações, o que o teria levado a condenação por pena de morte por vingança de povos de Delfos. Esopo foi condenado à morte e jogado do alto de um abismo. Mas as suas 600 fábulas continuaram a ser contadas, escritas e reescritas por outros fabulistas.

<http://www.contandohistoria.com/esopo.htm>

JEAN DE LA FONTAINE

Jean de La Fontaine (1621-1695) foi poeta e fabulista francês. Autor das fábulas, "A Lebre e a Tartaruga" e o "Lobo e o Cordeiro", entre outras. Usava fábula ,em versos e prosas, para denunciar as misérias e as injustiças de sua época.

A partir dessa época, muitas histórias escritas inicialmente para adultos já começaram a ser adaptadas para crianças, retirando delas os elementos violentos e os aspectos nocivos à educação. Mas a fábula moderna preserva todo o vigor, que vem apresentando desde os tempos antigos.

Aqui você vai poder ler a a fábula original de La Fontaine “A cigarra e a formiga” e também a versão escrita por Monteiro Lobato e José Paulo Paes. Monteiro Lobato e José Paulo Paes escreveram sua versão no século XX, e La Fontaine no século XVII.

http://www.e-biografias.net/jean_de_la_fontaine/

MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor brasileiro. "O Sítio do Picapau Amarelo" é uma de suas obras de maior destaque na literatura infantil. Foi um dos primeiros autores de literatura infantil em nosso país e em toda América Latina. Tornou-se editor, criando a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Metade de suas obras é formada de literatura infantil

Monteiro Lobato, além de recontar as fábulas de Esopo e La Fontaine cria as suas próprias com a turma do sítio, como mostra o seu livro “Fábulas”, no qual Pedrinho diz: “As Fábulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm um mérito: são curtinhas.” Narizinho acha as fábulas sabidíssimas e Emília as considera uma indireta. O escritor brasileiro usou fábulas para criticar e denunciar as injustiças, tiranias, mostrando às crianças a vida como ela é.

Em suas fábulas, alerta que o melhor é ser esperto (inteligente) porque o forte sempre vence e Visconde afirma que o único meio de derrotar a força é a astúcia.

Até hoje esse gênero narrativo existe e por ser curto, tem o poder de prender a atenção, de entreter e deixar uma mensagem, um ensinamento.

Monteiro Lobato também escreveu uma das versões por título A cigarra e a formiga (a formiga boa).

http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/

FEDRO

Fedro - poeta, filho de escravos, nasceu num país de língua grega, a Trácia. Foi o introdutor do gênero fábula na literatura romana. Viveu no séc. I d.C.,

provavelmente alforriado pelo imperador Augusto e perseguido pelo ministro de Tibério, Sejano. Fedro recontou as fábulas de Esopo em forma de poesia. Suas histórias mostram através da sátira sua revolta contra as injustiças e o crime.

http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/portugues/generos_textuais/fabulas/fedro.html

COMPARANDO VERSÕES DE UMA MESMA FÁBULA —O LEÃO E O RATO , CONTADA POR TRÊS AUTORES DIFERENTES:

- Esopo, na Grécia antiga, cerca do século IV a.C;
- La Fontaine, no século XVII;
- Monteiro Lobato, no início do século XX e outras versões.

TEXTO ORIGINAL DE ESOPPO:

TEXTO 1:

A CIGARRA E AS FORMIGAS

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra, faminta, lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?”. A cigarra respondeu: ...

<http://www.historias-infantis.com/search/fabulas-de-esopo-a-cigarra-e-a-formiga/>

TEXTO DE LA FONTAINE:

TEXTO 2: A CIGARRA E A FORMIGA

Tendo a cigarra, em cantigas,
Folgado todo o verão,
Achou-se em penúria extrema,
Na tormentosa estação.
Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela...

<http://www.ebc.com.br/infantil/ja-sou-grande/2013/06/voce-conhece-a-fabula-a-cigarra-e-a-formiga>

TEXTO 3:

A CIGARRA E A FORMIGA (A FORMIGA BOA) - MONTEIRO LOBATO,

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas, Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

Do livro *Fábulas*, Monteiro Lobato, 1962.

<http://pt.scribd.com/doc/36982147/A-Cigarra-e-a-Formiga-Monteiro-Lobat>

OUTRAS VERSÕES:

TEXTO 4:

SEM BARRA

José Paulo Paes

Enquanto a formiga

Carrega a comida

Para o formigueiro,
A cigarra canta,
Canta o dia inteiro...

<http://galeriadotextoinfantil.blogspot.com.br/2012/05/sem-barra-texto-de-jose-paulopaes.html>

TEXTO 5:

A FORMIGA E A CIGARRA (FÁBULA CONTEMPORÂNEA)

Era uma vez, uma formiguinha e uma cigarra muito amigas.
Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem parar, armazenando comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do sol, da brisa suave do fim da tarde e nem do bate papo com os amigos ao final do trabalho tomando uma cervejinha. Seu nome era “trabalho” e seu sobrenome “sempre”.
Enquanto isso, a cigarra só queria saber de cantar nas rodas de amigos e nos bares da cidade; não desperdiçou um minuto sequer, cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou o sol, curtiu para valer sem se preocupar com o inverno que estava por vir...

<http://sabedoriapopular.redeblogs.com.br/2008/05/23/a-formiguinha-e-a-cigarra-fabula-contemporanea/>

ATIVIDADES

2- Compare as fábulas, de acordo com os aspectos indicados no quadro abaixo, e veja o que muda e o que permanece nas suas sucessivas reescrituras:

	ISOPO	LA FONTAINE	LOBATO
Caracterização das personagens			
Indicação de tempo e espaço; apresentação de cenários.			
Linguagem,			

(estilo,vocabulário, presença de diálogo)			
Moral			

PRODUÇÃO ESCRITA

A fábula é uma pequena narrativa, cujas personagens são geralmente animais que pensam, falam e agem como se fossem seres humanos. A fábula encerra uma lição de moral, ensinamentos que chamam a atenção para o nosso modo de agir e de pensar.

Além disso, apresenta forma concisa, personagens simples, diálogos curtos, quase ausência de descrições. O narrador é sempre um observador que não participa da história. As personagens caracterizam-se por um único traço: o cordeiro é ingênuo; a raposa esperta; o pavão vaidoso. Isso torna mais fácil identificá-los com o ser humano.

Certamente seu repertório de fábulas aumentou muito no decorrer desse projeto, além das fábulas lidas e estudadas aqui, você pesquisou e compartilhou com sua turma tantas outras, enriquecendo, assim, seu acervo relativo a esse gênero.

Escolha, então, uma fábula conhecida, criando uma nova versão para ela, modernizando-a.

O GÊNERO TEXTUAL: CRÔNICA

A crônica é um gênero textual existente desde a Idade Antiga e vem se transformando ao longo dos anos. Deriva do radical grego crono, que significa tempo, por isso o seu caráter contemporâneo. A princípio, os cronistas relatavam fatos históricos relacionados a pessoas influentes, como reis, imperadores, etc. No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Os cronistas, além de relatarem em ordem cronológica os grandes acontecimentos históricos, também passaram a registrar a vida social, política, costumes e o cotidiano de seu tempo.

Esse gênero apareceu pela primeira vez, em 1799, no Journal de Débats, publicado em Paris. Nesse período, as crônicas eram publicadas no rodapé dos jornais, os chamados “folhetins”. Essa prática foi trazida para o Brasil na segunda metade do século XIX, José de Alencar foi um dos primeiros escritores brasileiros a produzir esse tipo de texto nesse período.

Hoje, a crônica passou a ter também um caráter literário, utilizando-se de uma linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia. Com esse caráter, os autores recriam os fatos de um ponto de vista pessoal com o objetivo de sensibilizar os seus leitores. As características atuais estão intimamente relacionadas às transformações sociais e à valorização da história social e dos movimentos de todas as classes sociais. A publicação desse gênero, atualmente, ocorre em meios diversificados: leitura em programas de TV ou rádio e publicação em sites na Internet. Gênero híbrido, oscila entre literatura e jornalismo, pois antes de ser publicada em livros é veiculado em revistas e jornais.

A crônica é um gênero que apresenta humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade. É leve, despretensiosa como uma conversa entre amigos, tem a capacidade de nos fazer enxergar o belo e a grandiosidade dos pequenos detalhes cotidianos. Apresenta um fato circunstancial, corriqueiro, vivenciado pelo autor. Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver os leitores, de modo bem particular, pessoal e subjetivo, a fim de levá-los a refletir sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poético. Geralmente capta um momento, um flagrante do dia a dia e a imaginação do leitor é estimulada, muitas vezes a tirar suas próprias conclusões a respeito do desfecho. Apresenta linguagem simples, coloquial, espontânea e subjetiva. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam. O fato ocorre em um tempo breve (minutos, período do dia), o lugar onde ocorre o fato é bem determinado, um só. Embora seja comum ser escrita em prosa, também é escrita eventualmente em versos – poema crônica, também presente em letras de música. As crônicas em forma de poemas surgiram, devido aos poetas do movimento Modernista romperem com alguns dogmas artísticos do passado. É, em prosa ou em verso, um gênero

importante para se desenvolver o olhar atento e sensível aos fatos do dia a dia e refletir criticamente sobre questões sociais, ações, sentimentos e comportamentos humanos, enfim, os sinais que diariamente deixamos escapar dos nossos olhares.

ATIVIDADES DE ANÁLISE DO TEXTO NARRATIVO

1- Após a leitura do gênero, proceder as atividades de análise da narrativa (segundo GANCHO, 2006).

- Elementos da narrativa:

a) Enredo

- Partes do enredo

- Conflito(s) o principal e os secundários

b) Personagens

- quanto a caracterização:

Planos: Tipos/caricaturas (há? Quem são?);

Redondas: características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas, morais;

- Quanto a participação no enredo protagonista : Herói ou anti-herói, antagonista, personagens secundários

c) Tempo

- Época

- Duração

- Tempo cronológico ou psicológico (procurar justificar e exemplificar).

d) Ambiente (características)

- Época

- Localização geográfica

- Clima psicológico

- Situação econômico-política;

- Moral / religião;

e) Narrador

- Primeira ou terceira pessoa;

- Variantes

2) Tema

3) Discurso Predominante

4) Opinião Crítica (com argumentos lógicos e com dados retirados do texto).

A OUTRA NOITE

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui. Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim: ...

BRAGA, Rubem. **A outra noite**. In: **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979.

CRÔNICA II

CHATEAR E ENCHER

Um amigo meu me ensina a diferença entre “chatear” e “encher”.

Chatear é assim:

Você telefona para um escritório qualquer na cidade.

– Alô! Quer me chamar por favor o Valdemar?

– Aqui não tem nenhum Valdemar.

Daí a alguns minutos você liga de novo:

– O Valdemar, por obséquio.

– Cavalheiro, aqui não trabalha nenhum Valdemar.

– Mas não é do número tal?

– É, mas aqui não trabalha nenhum Valdemar.

Mais cinco minutos, você liga o mesmo número ...

ATIVIDADES DE ANÁLISE DO TEXTO NARRATIVO

1- Após a leitura do gênero, proceder as atividades de análise da narrativa (segundo GANCHO, 2006).

PRODUÇÃO TEXTUAL

1. Escolha uma situação do seu dia a dia que tenha sido estranha ou engraçada e escreva uma crônica, contando como tudo aconteceu.

- Pense nas personagens, ou seja, nas pessoas do seu dia a dia que farão parte da sua história.

- Pense em um cenário atual, de preferência urbano.

- Escolha um fato simples, mas que tenha sido engraçado. Lembre-se: o acontecimento que você presenciou é apenas uma inspiração. Você pode inventar alguns trechos e exagerar em outros para deixar o texto com mais humor.

O GÊNERO TEXTUAL: PIADA

O gênero piada é universal, muitas culturas trazem essa tradição de brincar com os sentidos da língua, não depende de autoria, pois não tem autor. Neste gênero textual, se desencadeia o riso e a raiz do humor ligados ao que é tematizável ou o modo como a linguagem é utilizada. A piada constrói o humor, recorrendo a uma visão estigmatizada de determinada variedade linguística, grupo social e faixa etária. Esses textos constituem um excelente material para tentar reconhecer as variadas manifestações culturais e ideológicas, isto porque veiculam temas controversos, com uma visão sintética de representações sociais. Nas piadas, aquilo que é inaceitável e proibido dizer em certas circunstâncias encontra espaço para ser enunciado direta ou indiretamente, de forma subentendida, implícita. Para um trabalho na sala de aula em selecionar e analisar piadas, deve-se levar em conta o trabalho com a linguagem a partir dos diferentes conhecimentos linguísticos, textuais, os papéis sociais dos interlocutores e conhecimento de mundo.

As piadas não apresentam um autor, ou seja, são anônimas. Fazem parte do cotidiano popular, geralmente são transmitidas oralmente e, à medida que são

contadas, vão sendo modificadas e reelaboradas. Elas têm a finalidade de fazer o ouvinte ou leitor rir. Constituem-se num excelente recurso para exercitar tanto a expressão oral quanto à expressão escrita. A maior parte das piadas contém dois componentes: uma introdução genérica e um final surpreendente, que entra em choque com o desenvolvimento. O nível de surpresa do final se modifica de acordo com o quanto de ironia se pretende alcançar. De acordo com informações indicadas no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/piada>, São Tomás de Aquino já dizia que as piadas seriam importantes para repor as “forças do espírito”, visão com a qual nem todos os religiosos concordavam.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS COM O GÊNERO TEXTUAL PIADAS: PERCURSO NARRATIVO – SEQUÊNCIA NARRATIVA .

- 1- Situação inicial –
- 2- Complicação ou perturbação –
- 3- ação, re(ação) ou Dinâmica de ações –
- 4- Re(solução) –
- 5- Situação final –

NOTA AO PROFESSOR

No caso de pesquisa pelos alunos de piadas, estes encontrarão uma variedade de piadas sobre negros, homossexuais, louras etc. Neste ponto, cabe abordar e analisar, após as pesquisas, os preconceitos que permeiam o universo destas piadas, tais como piadas de portugueses reforçam a ideia de que tal povo é burro, ignorante; de turco afirmam que estes são extremamente mesquinhos, econômicos; quando falam de homossexuais, são discriminatórias e estereotipadas; de negros, geralmente reforçam a ideia de que estes são inferiores às demais raças, afirmando que não fazem nada certo e sempre terminam em desvantagem, seja como ladrões, sempre numa posição inferior.

Diante disso, pode ser feito um trabalho em sala que recupere os valores que foram invertidos através de tais piadas, para que os alunos passem a ter uma

postura crítica acerca do ouvem cotidianamente e que não contribuam para o preconceito e a discriminação em todos os seus aspectos.

O humor é marcado culturalmente, por isso, o que provoca graça em determinada cultura, pode não fazê-lo em outra. Assim, os “sujeitos” característicos das piadas e a preferência por determinado tipo de piada também variam. De modo geral, as piadas versam sobre profissões, política, etnias, minorias, personagens típicos.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/piada>)

PIADAS PELO TEMA/ASSUNTO.

PIADAS SOBRE PROFISSÕES:

Três amigos discutiam quem tinha a profissão mais antiga.
— Não que eu queira contar vantagem... — disse o marceneiro. — Mas os meus antepassados construíram a Arca de Noé!
— Isso não é nada! — contra-atacou o jardineiro. — Foram os meus antepassados que plantaram o Jardim do Éden!
— Tudo bem! — disse o electricista, tranquilo. — Mas quando Deus disse "Haja luz", quem vocês acham que tinha puxado a fiação?

PIADAS POLÍTICAS

Um político velho de guerra estava sendo julgado por corrupção. Enquanto transcorria o julgamento ele aguardava em sua casa nervosamente. De repente, toca o telefone e o advogado encarregado da sua defesa, diz, sem esconder a euforia:
- Doutor, a justiça foi feita!
- Vamos apelar! - emenda o safado.

PIADAS TIPO PERGUNTAS E RESPOSTAS:

Como se faz omelete de chocolate? Com ovos de páscoa!

Como se faz para ganhar um Chokito? É só colocar o dedito na tomadita.

Como se faz para transformar um giz numa cobra? É só colocar o giz num copo de água. Daí o gizbóia

Estavam dois mercados voando. Aí um disse: “Peraí, mercado não voa!”. Um caiu no chão mas o outro continuou voando. Por quê? Porque era um Super-mercado! Estavam dois sapos voando. Aí um disse: “Peraí, sapo não voa!”. Um caiu no chão mas o outro continuou voando. Por quê? Porque era surdo e não ouviu nada.

O que a galinha foi fazer na igreja? Assistir a Missa do Galo.

O que é o que cai em pé e corre deitado? Não, não é a chuva! É uma minhoca de pára-quedas.

O que é o que é comprido, ntra duro e sai mole e pingando? É o macarrão.

O que o advogado do frango foi fazer na delegacia? Foi soltar a franga.

O que o tomate foi fazer no banco? Foi tirar extrato.

Para que serve óculos verde? Para verde perto.

PIADAS DE NACIONALIDADES:

Oito japoneses assaltaram um banco, mataram um caixa, fugiram e foram capturados. Quais os nomes dos assaltantes? Robaro Banko, Mataro Kacha, Kataro Grana, Sairo Korreno, Sataro Muro, Fujiro Nakombi, Capotaro Cakombi e Kabaro Nakana.

Como se fala cabelo sujo em chinês? “Chin champu”

E como se fala pobre em chinês? “Chen luz, chen água, chen gás”.

DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO TEXTUAL: PIADAS

A partir do trabalho de pesquisa e leitura, os estudantes precisam compreender qual é a função social da piada. Assim, professor, espera-se que eles compreendam questões como:

- 1-Quando surgiu;
- 2-Por que surgiu;
- 3-Quem escreve;
- 4-Onde se pode encontrar piadas;
- 5-Quem lê piadas;
- 6-Como as piadas se caracterizam em diferentes lugares;
- 7-Sobre o que falam as piadas;
- 8-Que tipo de idéias, valores, conceitos as piadas expressam.

O GÊNERO TEXTUAL: CONTOS

Contos são histórias em prosa, curtas, sucintas e concisas, menores que novelas (que são longas); o eixo narrativo do conto prima pela concisão, precisão e densidade;

O conto tem um só conflito, um só drama e uma só ação no espaço e no tempo; deve surtir no leitor uma unidade de efeito ou impressão total.

Já no tocante ao conto de fadas, para que uma história seja classificada como tal, deve abranger 4 etapas narrativas:

1 - **A travessia** - que leva o herói ou heroína a um lugar diferente, cheio de magia e fantasia. (p.ex. - Joãozinho e Mariazinha saem da casa paterna e são deixados na floresta, que representa o mundo desconhecido. a saída do lar e a caminhada pela floresta representa a travessia para um mundo desconhecido.

2 - **O encontro com a presença diabólica** - que pode ser uma bruxa, uma madrasta má ou alguma outra figura com características malévolas: (o encontro de Joãozinho e Mariazinha com a bruxa da casa de doces).

3 - **A conquista** - etapa na qual o herói ou heroína irá travar uma luta de vida ou morte com a figura malévola do conto e que resultará na morte desta última. (Mariazinha luta com a bruxa, derrubando-a no caldeirão fervente).

4 - **A celebração** - onde haverá ou um casamento, ou uma reunião de família, em que estarão comemorando a morte da figura malévola e todos então poderão viver felizes para sempre. é uma catarse. (Joãozinho e Mariazinha retornam à casa paterna trazendo joias, que simbolizam o conhecimento adquirido, enriquecimento psicológico e maturidade).

Contos ou fábulas, quando os personagens são objetos ou seres inanimados recebem o nome de apólogo.

Tipos de contos:

- **Contos-de-fadas** - são contos de fadas, onde aparece o sobrenatural, o maravilhoso;
- **Contos-de-encantamento** - são histórias que apresentam metamorfoses, ou transformações, por encantamento, a maioria;
- **Contos maravilhosos** - são histórias que apresentam o elemento mágico, sobrenatural, integrado naturalmente nas situações apresentadas;
- **Contos de enigma ou mistério** - são histórias que têm como eixo um enigma a ser desvendado;
- **Contos jocosos** - são histórias humorísticas ou divertidas.

ESTRATÉGIAS PARA O PROFESSOR:

1) Dividir a classe em grupos e selecionar com os alunos contos de diversas épocas e autores (brasileiros ou estrangeiros);

2) Cada grupo deve analisar a estrutura de um conto escolhido e determinar as temáticas existentes em cada um;

3) Serão propostos atividades de análise da narrativa (segundo GANCHO, 2006).

- Elementos da narrativa:

a) Enredo

- Partes do enredo

- Conflito(s) o principal e os secundários

b) Personagens

- quanto a caracterização:

Planos: Tipos/caricaturas (há? Quem são?);

Redondas: características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas, morais;

- Quanto a participação no enredo protagonista : Herói ou anti-herói, antagonista, personagens secundários

c) Tempo

- Época

- Duração

- Tempo cronológico ou psicológico (procurar justificar e exemplificar).

d) Ambiente (características)

- Época

- Localização geográfica

- Clima psicológico

- Situação econômico-política;

- Moral / religião;

e) Narrador

- Primeira ou terceira pessoa;

- Variantes

2) Tema

3) Discurso Predominante

4) Opinião Crítica (com argumentos lógicos e com dados retirados do texto).

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da

canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do ...

Texto extraído do livro "Primeiras Estórias", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1988, pág. 32.

ATIVIDADES DE ANÁLISE DO TEXTO NARRATIVO

1- Após a leitura do conto, proceder as atividades de análise da narrativa conforme o roteiro apresentado no início deste caderno.

PRODUÇÃO TEXTUAL

1) Dividir a classe em grupos e sugerir a construção em grupo de contos variados.

2) Cada grupo pode escolher o conto que irá produzir.

3) Serão propostos informações e inícios de histórias, para o grupo desenvolver:

- Conto de amor:

- Personagens principais: Nanda e Dinho

- Nanda e Dinho estudam na mesma escola, em turmas diferentes. Ambos tem 16 anos. Nanda mora com os pais em um apartamento na Zona Sul e Dinho mora com a avó em uma comunidade carente. Dinho tem bolsa de estudos e é um dos melhores alunos de toda a escola, pratica esportes e faz parte de um grupo de conscientização ecológica. Nanda é voluntária em um projeto social na comunidade

em que Dinho mora. Os dois se apaixonam, mas terão que enfrentar grandes dificuldades para ficarem juntos.

Início da história:

Nanda acordou cedo naquela manhã e já estava a caminho da comunidade quando encontrou Dinho. Não era a primeira vez que ela via aquele menino, ambos estudavam na mesma escola, mas nunca conversaram antes.

- Conto de terror:

- Personagens principais: Betão, Mano, Bia, Paulinha e Vivi.

- Os cinco amigos vão passar o fim de semana em uma casa de praia, mas está muito frio e chuvoso. A casa fica em uma área isolada e distante da cidade. Os cinco amigos resolvem fazer uma brincadeira que termina em uma série de acontecimentos macabros.

Início da história:

Já era tarde da noite quando os cinco amigos conseguiram chegar à casa que o pai de Bia tinha alugado. A casa ficava em um lugar isolado da Praia do Silêncio e era uma casa enorme.

- Conto policial:

- Personagens principais: Paulo e o assassino.

- Paulo é um policial aposentado que se vê envolvido em uma trama de sequestro. O filho de seu melhor amigo, um comerciante local, foi sequestrado e os sequestradores deram um prazo de uma semana para a família do rapaz conseguir um milhão de reais para o resgate.

Início da história:

Havia muitos anos que meu telefone não tocava durante a madrugada. Já não me lembrava mais como era ter que levantar em um pulo e sair correndo para chegar logo ao local de algum crime. Mas desta vez o crime estava próximo, muito próximo. Do outro lado do telefone ouvi a voz de meu grande amigo.

ATIVIDADES DE DRAMATIZAÇÕES DE CONTOS

- 1) Dividir a classe em grupos e sugerir a escolha do conto a ser dramatizado.
- 2) Cada grupo terão um tempo determinado para leitura e montagem dos personagens.
- 3) Cada grupo apresentará sua dramatização, para toda a classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

AVALIAÇÃO

A avaliação, será através do interesse pelo conteúdo trabalhado, participação, empenho nas atividades propostas. Portanto, será contínua através da observação direta do professor das contribuições dos alunos e a participação nas atividades orais e nas demais atividades que serão propostas nas oficinas nas quais o professor avaliará o crescimento intelectual dos aluno.

RECURSOS

- Sala de informática;
- TV multimídia .
- Biblioteca;
- Textos impressos
- Data show

RESULTADOS ESPERADOS

A partir da realidade em que está inserida nossas escolas do município, o trabalho deverá possibilitar a leitura da realidade para encontrar formas de transformar, de intervir e colaborar na implementações de ações que colaborem na elevação do IDH do município, formando cidadãos conscientes de seu papel para com essas mudanças sociais, permanecendo assim a esperança de uma sociedade digna para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. (Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAGA, Rubem. **A outra noite**. In: **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979.

ESOPO. **Fábulas**, (trad. Antônio Carlos Viana), Porto Alegre: L&M, 2001.

FARACO, C. A. **Português: língua e cultura, ensino médio, 3.a série / Manual do Professor**. Curitiba: Base Editora, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2012.

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual** : introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GERALDI, J. W. **O texto da sala de aula**. ALMEIDA, Milton José et al. 4. ed., São Paulo: Ática, 2006.

LA FONTAINE. **Fábulas**, Il.G.Doré; São Paulo: Edigraf, s.d.2v.

LOBATO, Monteiro. **Fábulas e histórias diversas** , 12ª ed; São Paulo: Brasiliense, 1962.

MACHADO, I. A. **Literatura e redação – Os gêneros literários e a tradição oral**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

PARANÁ, 2008. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: <http://portugues.seed.pr.gov.br/>

YAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

VIEIRA, S. R. BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (organizadoras). **Ensino de Gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

REFERENCIAS ONLINE

LA FONTAINE, Jean. **E Biografias**. Disponível em: http://www.e-biografias.net/jean_de_la_fontaine/ Acesso em: 10 Outu. 2013.

O burro que espirrava dinheiro. Disponível em: http://www.contandohistoria.com/o_burro_que_espirrava_dinheiro.htm Acesso em 15 de Outu. 2013.

ESOPO. **Contando histórias**. Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/esopo.htm> Acesso em 17 Outu. 2013.

[Você conhece a fábula "A cigarra e a formiga"? Infantil EBC](http://www.ebc.com.br/infantil/ja-sou-grande/2013/06/voce-conhece-a-fabula-cigarra-e-a-formiga). Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/ja-sou-grande/2013/06/voce-conhece-a-fabula-cigarra-e-a-formiga> Acesso em: 18 Outu. 2013.

Sem Barra Texto de José Paulo Paes Galeria do Texto Infantil. Disponível em:
<<http://galeriadotextoinfantil.blogspot.com.br/2012/05/sem-barra-texto-de-jose-paulopaes.html>> Acesso em: 18 Outu.2013.

Fábulas de esopo a cigarra e a formiga Historias e Contos Infantis. Disponível em:
<<http://www.historias-infantis.com/search/fabulas-de-esopo-a-cigarra-e-a-formiga/>>
Acesso em: 19 Outu.2013.

LOBATO, Monteiro. A Cigarra e a Formiga. Disponível em :
<<http://pt.scribd.com/doc/36982147/A-Cigarra-e-a-Formiga-Monteiro-Lobat>> Acesso em: 19 Outu.2013.

Piadas -Wikipédia a enciclopédia livre
Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/piada> > Acesso em: 20 Outu.2013.

A formiguinha ea Cigarra (Fábulas Contemporâneas)
Disponível em:<<http://sabedoriapopular.redeblogs.com.br/2008/05/23/a-formiguinha-e-a-cigarra-fabula-contemporanea/>> Acesso em: 21 Outu.2013.

A Raposa e as Uvas - Dicas de Educação - Uol
Disponível em:<<http://sitededicas.uol.com.br/fabula30a.htm>> Acesso em: 21 Outu.2013.